

O esquecimento no fotojornalismo e de seus sujeitos no Noroeste do Estado de São Paulo: mais de meio século de fotografias para pesquisa¹

Santiago Naliato GARCIA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo traz os primeiros levantamentos feitos e os resultados obtidos da pesquisa sobre os fotojornalistas (e seus trabalhos) que atuaram no jornal Diário da Região, fundado em São José do Rio Preto-SP, com veiculação em boa parte do Noroeste do Estado de São Paulo. Para isso, exploraremos aqui os elementos encontrados na pesquisa de campo, detalharemos a caminho metodológico inicial e elaboraremos uma reflexão com as obras no campo da historiografia de Michel de Certeau e Paul Ricoeur, cujos trabalhos clássicos nos apresentam rico material acerca da memória, da história e do esquecimento, temas que fornecem bases conceituais para entender o processo pelo qual tais fotografias e respectivos autores podem estar expostos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo e Fotojornalistas; Fotografia e Memória; Fotografia e História; Fotografia e Comunicação; Fotografia e Esquecimento.

INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DA PESQUISA

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados preliminares da pesquisa de doutorado em curso realizada por este pesquisador. Nosso objeto de pesquisa limita-se aos trabalhos fotográficos realizados para o veículo Diário da Região, da cidade de São José do Rio Preto-SP, cuja veiculação abrange o Noroeste Paulista. O recorte temporal proposto vai desde sua fundação, em 23 de julho de 1950, até o ano corrente. Para isso, utilizaremos a pesquisa empírica para a localização dos fotojornalistas e de seus respectivos arquivos fotográficos, constituindo um acervo destes profissionais que passaram pelo jornalismo retratando as notícias e fatos da região citada.

Há um grito de socorro latente no campo fotográfico: no interior do Estado de São Paulo memórias se perdem e são veladas a todo instante. Sobre tais fotografias, partimos do princípio que as imagens são dotadas de capacidade inata de abstração em níveis: imagem

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pela ECA-USP, e-mail: santiagarcia@gmail.com / vistasantiago@usp.br

tradicional e sua abstração de primeiro grau, abstraindo duas dimensões do fenômeno concreto; imagem técnica e sua abstração de terceiro grau, abstraindo uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos que – depois – reconstituem a dimensão abstraída buscando, novamente, resultar em imagem (FLUSSER, 1985). Ou então, no terreno das significações, notamos duas realidades se formando e constituindo, na memória visual do leitor, novos significados (KOSSOY, 2002). São as imagens que reconstróem o mundo a partir de seus componentes figurativos ou mesmo constroem novos significados na medida em que imprimem seus signos e autorreferência, criando conexões entre linguagens e ambientes comunicacionais no âmbito da comunicação social, do jornalismo e de todas as diversas áreas do conhecimento.

Arelada a uma cultura convergente (JENKINS, 2006), a imagem fotográfica hoje se desenvolve – com a evolução do sistema digital – a partir do terceiro paradigma do código binário de Santaella e Nöth (2001), sem se desvencilhar, entretanto, dos conceitos técnicos visionários de Flusser (1985) quando este fala das imagens técnicas abrindo possibilidade de incluir junto a elas – imagens analógicas e técnicas – o digital também. Por este viés, cremos que tal questão, a da imagem técnica, não se apresente ultrapassada ou esgotada, muito pelo contrário: o sistema digital trouxe novas – portanto pouco exploradas – potencialidades. Trouxe, também, perigos.

E estes são elementos que a presente proposta busca também identificar, apontar seus efeitos mais nocivos, e atuar em sua anulação. Um deles, identificado de antemão, relaciona-se com a falta sumária de catalogação e estudo para documentação histórica, social e cultural da passagem do tempo em nossa sociedade no recorte do objeto proposto. O descaso com a memória somente desaparecerá quando forem vistos, em todos os campos – especialmente em atitudes regionais e locais – trabalhos rotineiros e metódicos de preservação, similares aos oferecidos para pinturas e esculturas.

Esta proposta, detalhada nos tópicos abaixo, articula não apenas um campo teórico em efervescência no campo acadêmico, portanto é atual, mas também faz sob pano de fundo uma acolhida às práticas mecânicas, simbólicas e seu limiar na construção de realidades e da experiência estética na comunicação midiática e em projetos pessoais/artísticos. É com este mote das identificadas mudanças de paradigma entre o analógico e digital e dos estabelecimentos e interpretações teóricos acerca da documentação fotográfica e suas complexidades que propomos o presente estudo.

A tecnologia fotográfica, sua resultante narrativa histórica e seu respectivo signo serão, portanto, estudados, revistos sob as teorias propostas neste projeto, experimentados nesta pesquisa de campo e analisados em dois movimentos: acerca de sua historicidade intrínseca e sua relevância enquanto identificação dos agentes deste processo. Tais agentes são os fotógrafos da grande mídia, profissionais especificamente contratados para tal, mas também entusiastas, amadores, fotógrafos de outros gêneros (científico, da indústria, etc.), todos veiculados pelo jornalismo e pela publicidade do Noroeste do Estado de SP.

ACERCA DO OBJETO DE PESQUISA E SUA IMPORTÂNCIA REGIONAL

Nosso objeto de pesquisa é o trabalho fotográfico realizado pelos fotojornalistas para o jornal Diário da Região. A análise e eventual limitação de conteúdo serão realizadas em etapa posterior às apresentadas aqui. A partir da coleta em realização por este pesquisador é que realizaremos mais um filtro, delimitando a cidade como vetor das imagens localizadas. Para tal, busca-se antes a localização deste material para, após sua visualização, termos referências iconográficas suficientes para este movimento. Além da constituição de um rol de profissionais com atuação no limite espacial proposto, buscamos a constituição de um acervo a partir da localização destes arquivos. A pesquisa de doutorado buscará argumentar as potencialidades com que as fotografias feitas no interior paulista se inscrevem enquanto documento iconográfico e se constrói como referentes válidos e necessários que atestam a passagem de tempo naquela região. Tal discussão não será realizada aqui, em virtude da limitação de espaço e da etapa atual na qual estamos na pesquisa, que forneceram apenas indícios e locais de memória para a realização da segunda etapa: a pesquisa e catalogação dos arquivos. Mas, como propomos para objetivo deste artigo, apresentaremos os resultados por hora alcançados e uma breve discussão de seus locais de guarda. Antes, porém, cremos ser necessário apresentar a justificativa e relevância desta pesquisa ainda em curso, cujas propostas serão cumpridas no término da elaboração da tese da qual este artigo faz referência e não apenas neste presente tipo de produção científica.

Importante ressaltar que, em pesquisa prévia, não foi localizado registro algum de semelhante tipo de estudo por pesquisadores da região em nível maior que o de Graduação, no qual este proponente já teve oportunidade de trabalhar com seus orientandos de jornalismo nos seus respectivos trabalhos de conclusão de curso, como no intitulado “Fotojornalismo: por trás de uma lente”, do discente Fábio Carvalho, que registrou, ainda em 2013, o trabalho dos fotojornalistas na cidade e em diversos veículos de comunicação. Argumentamos como

justificativa de estudo a relevância que esta proposta apresenta para a região geográfica do corpus de pesquisa no sentido de preservar toda uma vasta memória iconográfica para futura recuperação. Dentro de toda região de cobertura (Noroeste do Estado) do jornal *supracitado*, sua cidade de fundação é que será o vetor para a pesquisa. Entretanto, há valor regional uma vez que tal cidade é centro comercial, cultural e educacional. São José do Rio Preto foi fundada em 19 de março de 1852 e é uma cidade com cerca de 600 mil habitantes. Está situada no entroncamento entre três Estados: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás, sendo centro e rota de comércio e de distribuição para estes Estados. Tal município, entretanto, nutre carência na área cultural e, nas pesquisas preliminares deste proponente, não foi encontrado nenhum esforço para a criação/manutenção de qualquer acervo iconográfico na cidade além dos pessoais, identificados em posse de pessoas físicas, cujo material é representativo de suas passagens pela construção da cidade ao longo destes 164 anos de fundação da cidade. A originalidade que se apresenta na presente proposta está na delimitação de um corpus regional específico e na temática recortada: o trabalho de preservação destes fotógrafos destacando o registro ou fotografação da cidade.

O problema de pesquisa que se coloca enquanto local de memória é o de que o tipo de mediação/midiatização que o signo narrativo fotográfico constrói na atualidade alterou-se com o advento das tecnologias digitais em relação aos já estabelecidos anteriormente, durante o uso exacerbado das tecnologias analógicas e dos antigos filmes fotográficos em película – no processo de sua construção e, conseqüentemente, de veiculação e de possibilidade de recuperação de tais fotografias e demais informações imprescindíveis para o resgate e construção de realidades históricas que porventura devam acompanhar o signo imagético em questão. Crê-se que, com a noção vulgar de imaterialidade do material digital, muitos registros estão se perdendo com o ato de “deletar” imagens consideradas não relevantes, sendo este ato não calculado extremamente prejudicial a longo prazo para a existência de uma memória iconográfica representativamente construída e preservada. Junta-se essa cultura digital de descarte com a falta de bom-senso na preservação dos negativos fotográficos e tem-se uma receita para se velar toda uma história iconográfica regional com mais de 50 anos.

Com os primeiros passos desta pesquisa, pode-se identificar de maneira preliminar que uma hipótese previamente elaborada no projeto de pesquisa inicial pode ser delineada: a de que a substituição da fotografia analógica pela digital impactou não apenas na relação do homem com seu trabalho, mas também na sua prática e, significativamente, de seu posterior armazenamento e cuidado na preservação de tais memórias, identificadas na região

geográfica proposta neste estudo mesmo que seletivamente. Pensa-se que, ao reduzir o tempo entre o fato, o fazer fotográfico e a veiculação de sua narrativa, perde-se o impacto e valores gerado pela espera da revelação da informação e atribui-se em tal relação uma noção sobre imaterialidade no suporte digital, sem a devida reflexão sobre o potencial de guarda e necessidade da criação de um catálogo que contemple informação mais complexas e completas que vão além do EXIF das imagens binárias, servindo para outras áreas do conhecimento como testemunho dos tempos. Como efeito desta alteração, há concordância com Barros (2009) quando este diz que as mensagens veiculadas na mídia passam por transformação pelo processo de recepção e sua consequente apropriação, gerando sentidos diversificados pelas diferentes mediações vivenciadas pelos receptores, desdobrando-se em novas práticas e ações.

Portanto, questiona-se: quem são estes profissionais? Qual a situação atual destes arquivos uma vez que não há nenhum esforço de preservação identificado? A memória será preservada?

QUESTÕES METODOLÓGICAS E LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

As articulações necessárias e realizadas por ora partem da possibilidade de, por meio de uma caso típico, estender o relato e a compreensão desta pesquisa a outros casos correlatos, não supondo melhores formas de identificação, arquivamento ou constituição de acervos, mas sim chamando a atenção para a forma próxima ao descaso com o qual a memória visual da passagem do tempo enfrente por falta de mecanismos ou políticas públicas ou privadas para a formação de um corpo sugestivo de guardião destas visualidade e narrativas. Já foram conduzidas revisão bibliográfica de livros e artigos publicados no ano corrente que eventualmente articulem as teorias aqui propostas e suas atualizações. A proposta inicial baseia-se na sustentação do trabalho investigativo de acordo com Braga (2008), que busca três proposições abstratas gerais para propor sustentação ao trabalho de investigação ao sistematizar leis e regularidade em áreas de estudo vizinhas ao da comunicação. A divisão torna-se didática:

- a) leis e regularidades expressas em áreas vizinhas – mormente sociologia e linguística, mas eventualmente também em outras ciências nomotéticas do homem (demografia, economia, psicologia...);
- b) conhecimentos sobre o mundo, derivados de outros modos de observação e análise (...)
- c) proposições abrangentes derivadas de elaboração ensaísticas ou de especulação filosófica – gerados

diretamente na área ou a partir de áreas vizinhas quando estas pensam questões de seu interesse, mas que confluem com preocupações da área de comunicação (BRAGA, 2008, p. 74).

Tais realizações metodológicas, entretanto, correlacionam atribuições das áreas vizinhas focando questões de interesse para a comunicação. Para tal, busca-se trabalhar com poucas variáveis e com base na redução dos objetos e situações. Pretende-se alcançar um processo dinâmico, recorrendo à pesquisa nomotética e o estudo de caso, este último definido por Becker (1993, pág. 117): “o método – estudo de caso – supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso”. Pretende-se romper, assim, com eventuais dificuldades na eliminação de traços singulares e de concentrar a preocupação em elementos comuns a uma classe de eventos. Busca-se, ainda, quatro finalidades articuladas na aplicação do estudo de caso, que são as propostas por Braga (2008) e que visam a proporcionar, a partir delas, nossa contribuição para a presente área de pesquisa e para o ensino do fotojornalismo nas instituições brasileiras: elas baseiam-se na geração de conhecimento rigoroso e diversificado sobre uma pluralidade de fenômenos percebidos como de interesse para a área; na necessidade de assegurar elementos de articulação e tensionamento entre situações particulares versus conhecimento estabelecido; na lógica dos processos indiciários e na caracterização do âmbito de maior probabilidade de sucesso no desentranhamento de questões comunicacionais relacionadas ao fenômeno.

Trabalhamos com duas delimitações metodológicas até o presente momento e que nos levaram aos resultados encontrados, são: pesquisa de campo e revisão bibliográfica. A pesquisa de campo utilizou as premissas relatadas por Kossoy (2002) para a busca e levantamento de sujeitos e obras a partir de diversas fontes de informação que sirvam para relatar e tornar consistentes os documentos iconográficos: documentos civis públicos e particulares, entrevistas, mídias e demais suportes, além de qualquer outra fonte que se tenha consistência e que seja identificada no processo de cavação proposto que seja possível sua comprovação. Já o levantamento bibliográfico preliminar e em uso das obras até o momento consultadas tanto para elaboração do projeto de pesquisa na ocasião da propositura desta pesquisa ainda enquanto projeto, quanto para o desenvolvimento inicial da pesquisa, apresentou recuperação de textos clássicos como Flusser (1985), Dubois (1998), Sontag (2004), além de três obras regionais de valor considerável para o aporte histórico; o livro: Jornais de Rio Preto, da escritora local Dinorath do Valle (1994), e do livro: Imagens que Revelam 90 anos de Desenvolvimento, de Lelé Arantes (2011). Além destes dois há um

terceiro em posse de um dos entrevistados e também fotógrafo, que é uma edição restrita contendo imagens e memória da cidade dos anos iniciais de 1910 a 1940, um livro não editado por editoras, nem publicado de forma publicizada, o que torna este conteúdo rico e praticamente inacessível, mas oferecido para consulta a este pesquisador pelo fotógrafo Mohammed Kharfan Houssen. Esta última é uma edição encadernada a mão, sem tiragem, que o torna relativamente rara. Todas as três obras compõem esforços da constituição da memória regional, sem, entretanto, destaque ou espaço para as fotografias enquanto agentes de tal memória: nos casos, quando apresentadas, elas ilustram e reforçam outras histórias, mas não as delas mesmas.

LEVANTAMENTO E COLETA DE DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Em nossa pesquisa, os fotojornalistas localizados até a presente etapa derivaram a partir de conversas com fotógrafos locais e duas entrevistas formais: uma com Toninho Cury, em 2014, e outra com Jorge Maluf, em 2016, ambos fotógrafos há mais de 40 anos e ainda ativos na região. São, certamente, dos mais antigos ainda em atividade. Nas conversas, notam-se preocupação na guarda e catalogação das informações relevantes em trabalhos localizados, como o de Toninho Cury, fotojornalista desde 1970 na cidade e de ampla atuação até os dias atuais. Estima-se que tenha mais de 4000 imagens analógicas além de material em cor, slide, e digital, este último sequer mensurado pelo próprio fotógrafo. Foram localizados nas entrevistas demais fotógrafos com vasta produção importante para a cidade relatados pelo atual presidente da Associação dos Fotógrafos e Cinegrafistas de Rio Preto – AFOCIRP – Jorge Maluf, que pontuou nomes quase no esquecimento como: Edson Baffi, Nestor Brandão, Pierre Duarte, Ivo Pirani, Osmar Manhane, Miro Manhane, Eduardo Seco, Sebastião Domingues da Silva, Antônio Carlos Ribeiro (Chimba), Antônio Garcia, Celso Bernardes do Nascimento, José Maria, Otto Wirman, Demonte, Nemericio Tarcisio Simplicio, Miguel Sereno, Douglas Bruschi, Wilson Batista Leite, Tião, Antonio Garcia, Jaime Colaquiovani, Jesus Marins, Carlos Sirino, Tony, Irmãos Kato, Kharfan, o casal Celina e Neto, Irmãos Yamashita, Beti, Foto Costa (Nequito), Paulo Berton, Jorge Etechebar, Valter Velho, Otávio Valle (Tatau), Ronaldo, Barrenha, Zanqueta, Dilson, Goto, Jair Inocência, Mané e Heleno de Castro. Muitos dos profissionais lembrados apenas pelo primeiro nome ou nome artístico.

Inicialmente buscou-se por meio de entrevistas a localização de nomes das personagens existentes ou que já passaram pelo vetor de pesquisa para que fosse feita sua localização para, posteriormente, ter localização de documentos como os relatados por

Kossoy (2002). Como o objeto de pesquisa são os fotojornalistas do jornal Diário da Região, bem como suas produções, buscou-se no conhecimento dos antigos fotógrafos da cidade, supostos colegas de profissão ou pertencentes àquele círculo social, o levantamento preliminar de nomes a serem localizados e pesquisados, ajuntando seu material iconográfico/fotográfico ao corpus desta pesquisa. Esta lista proliferou e, embora extensa, será de grande valia nas próximas etapas: somente a partir de 1994 algum veículo de comunicação da cidade mantém um registro dos profissionais de fotografia. Este dado já faz parte dos resultados iniciais obtidos. Há mais: antes deste período, retroativamente até os anos 1950, não há qualquer tipo de registro acerca das passagens destes fotógrafos e sequer de suas imagens, sendo as memórias dos profissionais e suas citações nas páginas impressas já localizadas no acervo público apenas encadernadas em papel jornal (mas ainda não lançadas vistas para conferência) as únicas referências existentes. Desta forma, todo o respectivo material objeto desta pesquisa, de 1950 até 1994 está, a princípio, esquecido e permanente em seus locais de memória, apontando forte indício inicialmente proposto em uma das hipóteses deste pesquisador de que não há um tipo de trabalho específico para a realização da manutenção deste acervo narrativo visual nem para a sua preservação além daquele usualmente feito para a prática rotineira de trabalho.

As entrevistas iniciais foram realizadas e organizadas em uma ficha catalográfica constando: 1-Nome. 2-Nascimento/Falecimento. 3-Biografia. 4-Contatos (telefone, emails, endereço). 5-Ano de Atuação/Atuação Atual. 6-Veículos no qual trabalhou. 7-Publicações mais Relevantes. 8-Material Organizado ou não. 9-Material Existente. 10-Data de Contato/Data da Entrevista. 11-Círculo Profissional. Por padrão, buscou-se gerar uma noção inicial dos profissionais, relacionando períodos e trabalhos concomitantes, que fornecessem indícios de veracidade das informações oferecidas provenientes da memória dos entrevistados. Aqueles que foram logo localizados e cujo material pode se constituir em acervo foram entrevistados e assinaram um termo de cessão de uso de imagens para a composição deste acervo. Entretanto, em conversa com o jornal recorte do objeto, foi solicitado novo pedido de cessão àquele veículo, especificando a pauta, data e obra fotográfica para a sua devida cessão dos direitos de uso uma vez que são de propriedade do jornal. O pedido foi atendido e, após levantamento das pautas mais relevantes de 1994 até o presente momento, as imagens em alta resolução poderão compor esta proposta de pesquisa que gerará um acervo mínimo.

Tal trabalho foi dividido em escalas no primeiro semestre de 2017 e já foi realizado: 1-Levantamento de quem tem fotos a recuperar ou registrar; 2-Identificar os fotógrafos que dispõem de material a oferecer; 3-Elaborar uma lista com os nomes localizados e seus respectivos contatos; 4-Coleta do termo de cessão de uso de imagens. O levantamento de 1 a 4 foi realizado e, no total, 76 nomes apareceram nas indicações e memórias dos entrevistados preliminarmente, pessoas estas de mais tempo de atividade profissional na cidade. Deste total, 18 profissionais foram encontrados, entrevistados e tiveram o termo de cessão de imagens assinado. A demanda pode aumentar conforme a pesquisa avance *in loco*. Os 58 nomes ainda não contactados desta lista apresentam dificuldade de localização como números de telefones que estão desatualizados, mudança de endereço ou mesmo de município, além da natural causa de duplo esquecimento: seu falecimento.

Do total de entrevistados, apenas uma recusa na assinatura do termo de cessão foi verificada em virtude do desconhecimento biográfico deste pesquisador. Após alongada entrevista e explicação, pormenorizando o histórico acadêmico e profissional deste pesquisador e esclarecendo sobre a instituição a qual está ligada a pesquisa, a entrevistada cedeu e disse que iria contribuir, entretanto ainda não assinou o termo, sem o qual poderá ser excluída da pesquisa uma vez que implicará em termos éticos que devem ser respeitados. Em uma última lista, esta fornecida pelo veículo objeto desta pesquisa, apresenta de 1994 até 1999 os profissionais: José Carlos Moreira (editor), Eduardo Secco, Ricardo Milani, Sílvia Santana, Mara Souza (a única ainda em trabalho). De 2000 até 2005: Flávio Grieger (editor), Valdevino, Priscila, Elisandro Ascari, Sérgio Menezes, Júnior Vignola, Eduardo Penna, Rubens Cardia, Otávio Valle. Por fim, de 2006 até 2017:, Carlos Chimba, Guilherme Baffi, Hamilton Pavan, Edvaldo Santos (Diva), Helio Tuzi, Thomas Vita Neto, Ferdinando Ramos, Sidney Costa, Sérgio Isso, Johnny Torres, Pierre Duarte. O dado mais recente indica os profissionais de 2017 e atualmente contratados: Guilherme Baffi, Mara Souza e Johnny Torres.

Neste longo processo inicial de localização e constituição de uma noção base dos profissionais representativos da região com sede no município em questão, identifiquei um eventual recorte que pode limitar a pesquisa em cerca de 40 nomes, mas com variáveis que serão definidas e que podem ampliar tal relação ao avançar da pesquisa. Uma variável já localizada a se considerar é que alguns profissionais de performance qualitativa, mas sem vínculo aos diários, poderiam ficar de fora do levantamento de acervo. A alternativa viável e propícia para incluí-los em qualquer listagem é ter a cidade como vetor do trabalho, relatando

o trânsito de eventuais profissionais e não o indivíduo como objeto formalmente contratado pelo jornal. Este é o motivo do recorte proposto de pesquisar com base em um vetor. Desta forma, os demais profissionais com produção representativa podem ser inseridos no corpus localizado para composição e preservação do acervo uma vez que é corriqueira e comum a utilização de material fotográfico a título de divulgação, sem pagamento, a fim de aplicações esporádicas. De forma prática: são aqueles profissionais que cedem suas imagens para a veiculação no jornal, ou que produzem originalmente para empresas privadas e que, mediante oportunidade de divulgação na mídia, cedem suas imagens. Muitas vezes são de fotógrafos publicitários, corporativos, ou mesmo diversos profissionais que têm a fotografia como hobby, moradores da cidade ou não. Ao realizar as últimas entrevistas, nenhum nome mais antigo veio à tona, mantendo-se o número total de profissionais citados. Alguns deles relataram a importância de se conversar com profissionais de outros setores da mídia que trabalharam diretamente com boa parte destes nomes. Assim foi sugerido contato com seis colunistas sociais que acompanharam o trabalho dos fotógrafos e que contaram, durante os últimos 60 anos, a história da sociedade rio-pretense. Este passo está em estudo de viabilidade.

As entrevistas preliminares têm norteado os nomes mais relevantes do trabalho em fotografia para a recuperação proposta do acervo de imagens. Têm, ainda, materializado as variáveis existentes neste campo e contribuído para a definição de um corpus razoável e viável para resgate. Um exemplo disso é a identificação de profissionais que não são da cidade e que, por um breve período, aqui se estabeleceram para a produção visual. Destes, alguns permaneceram e outros se foram deixando em posse de empresas particulares quase que a totalidade de seu trabalho profissional que narra a trajetória da cidade pelo tempo. A primeira etapa foi realizada e já há o sobreaviso aos entrevistados que em breve precisaremos ter acesso físico às imagens a serem disponibilizadas para a composição deste acervo. Tal etapa já está solidificada com o termo de cessão de uso de imagens.

Por hora, estes são os resultados mensuráveis obtidos nos processos metodológicos de pesquisa bibliográfica e de campo. Passemos, agora, para a discussão sobre a localização desses espaços de memória e de seu conteúdo: os fotojornalistas e suas fotografias em nosso caso com base na discussão acerca de seu esquecimento e memória.

FOTOGRAFIA E ESQUECIMENTO

Em seu curso histórico, a fotografia serviu dos mais variados objetivos. Ao observar a sua atual aplicação tecnológica, ela se reinventa signo de novas noções inéditas de antigos valores. Ela traz sentido às percepções territoriais: é a nova cartografia da navegação da idade média. Não apenas elemento semiótico, ela também gera e distribui informações, faz circular no novo espaço latitudes e longitudes de um outro campo, ela comprova a coexistência de espaços múltiplos e bivalentes ao ser portal para tal transição. Uma fotografia de um prédio que circula em uma mídia social materializa uma nova localidade e todas as relações possíveis desta com seu habitar tornando todas as relações novas noções de tudo, não reduzindo os espaços a partículas físicas fragmentadas, mas unindo as noções díspares em um todo. E as imagens tradicionais, retratos de factuais em papel impresso?

Mais do que elemento formativo e informativo na narrativa jornalística as imagens também atuam reforçando um discurso. É neste aspecto iconográfico discursivo e formativo carregado de elementos semióticos que remetem a um período histórico que encontramos articulação com as noções de De Certeau (2011) que associa a história ao discurso, estabelecendo a relação com o outro e o discurso da história. A fotografia também é elementos de várias possibilidades: tem seu uso amplamente feito na ciência, na política, na educação. Enquanto atividade diária no jornalismo, olha todos os dias para a cidade e seu ser social. Para o autor, pode-se isolar a singularidade de cada análise e isso: “equivale a questionar a possibilidade de uma sistematização totalizante e atribuir ao problema a necessidade de uma discussão essencial que é oferecida por uma pluralidade de procedimentos científicos, de funções sociais e convicções fundamentais” (DE CERTEAU, 2011, p.4). É nessa perspectiva que, ainda para ele, encontra esboçada a função dos discursos que têm potencial para esclarecer a questão e se inscrevem em segmentos eles próprios uma vez que enquanto falam da história estão por isso situados na história. Desta forma, a fotografia enquanto material para consulta história torna-se ela própria elementos constituinte deste existir história ao derivar de condições práticas nas quais está tanto seu produtor, quanto seu meio/mediatização e seu leitor/consumidor inseridos da mesma forma naquele espaço-tempo. São históricos porque ligados a operações e definidos por funcionamentos. Ainda na questão das operações historiográficas, De Certeau (2011) compreende os espaços de produção durante a investigação. De acordo com o autor:

Nada suprime a particularidade do lugar de onde se fala e do domínio no qual se realiza a investigação, sendo que compreender, para o historiador, é analisar em termos de produções localizáveis o material instaurado pelos

respectivos métodos (...). Toda pesquisa se articula com um lugar de produção socioeconômica, político e cultural, e implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias. (...) Ela está submetida a imposições ligadas a privilégios, enraizada em uma particularidade, e é em função desse lugar que se instauram métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos em questão que lhes serão propostas, se organizam. (DE CERTEAU, 2011, p.47).

Tais objetos a serem investigados serão observados no espaço proposto pelo autor *supra* citado afim de conduzir a pesquisa com fins de entender como funciona dentro da sociedade que se busca investigação, cuidado fundamental para o autor que busca meios para tornar possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Tais elementos contribuem com aquilo que ele chamou de escrita histórica, que permanece controlada pelas práticas das quais resulta, sendo ela própria uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo uma lição, e funcionando como uma linguagem invertida dando lugar à falta que esconde: laços do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades. Tais resultados, sincrética mente ao nosso objetivo e objeto de pesquisa aqui proposto, se expõem com uma ordem cronológica, um tempo das coisas como um contraponto e a condição de um tempo discursivo, sendo possível a produção de efeitos de sentido, redistribuindo e codificando a uniformidade do tempo que corre. Este recurso, a cronologia, reconhece que é o lugar da produção que autoriza o texto, antes de qualquer outro signo, indicando condição de possibilidade de recorte em períodos tal qual o presente na proposta da presente pesquisa em andamento, seguindo tal rastro pelo reverso, invertendo a orientação do tempo. Ainda para o autor, somente tal inversão tornaria possível a articulação da prática com a escrita. E mais: acerca das práticas de linguagem, reconhece que diferentes funcionamentos da linguagem devem corresponder a interpretações diferentes, já que os signos não falam da mesma maneira, mesmo quando dizem a mesma coisa. A historiografia tem o intuito de trazer a articulação entre o real e o discurso e de fazer como se os articulassem onde esses laços não foram pensáveis (DE CERTEAU, 2011).

Acerca das considerações de Ricoeur (2014), revisaremos a sua fenomenologia da memória e sua noção de abuso da memória expandindo a discussão para a memória pessoal e coletiva. Também as noções de memória arquivada: o tempo, espaço, testemunho, arquivo e prova documental. Tal fenomenologia questiona: de que há lembrança? E de quem é a memória? Tais questões fazem base para nossa pesquisa. Estruturam os alicerces da memória que virão à tona durante o processo; em partes já relatados no início deste artigo. Tais

resultados de pesquisa, com seus sujeitos desconhecidos da população e mesmo de profissionais mais jovens, reiteram o conceito da *eikón*, que fala da representação presente de uma coisa ausente. Quem ocupa estes espaços latentes da produção fotojornalística? Tais obras que serão evidenciadas ao longo dos próximos dois anos de pesquisa reforça o pretendido pelo autor de que não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, que se passou antes que declarássemos nos lembrar dela. Para assegurar o máximo de confiança nos discursos proferidos, utilizaremos como recurso o sugerido pelo autor que é o de opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros reputados mais confiáveis: estrutura fundamental de transição entre a memória e a história. Há outra observação encontrada em Ricoeur (2014):

A segunda observação é de que é possível esboçar uma fenomenologia fragmentada não radical cujo fio condutor continua sendo a relação com o tempo: oposição à polissemia de ordenação do campo semântico designado pelo tempo memória. (...). Memória do esquecimento (Agostinho) é de fato esforço de recordação, busca por lembrança. Esquecimento, paradoxo: como falar do esquecimento senão sob o signo da lembrança do esquecimento, do reconhecimento da coisa esquecida? Enigma: porque não sabemos (saber fenomenológico) se o esquecimento é apenas impedimento para evocar e para encontrar o tempo perdido ou se resulta do desgaste pelo tempo dos rastros que em nós deixaram os acontecimentos supervenientes. (RICOEUR, 2014, pp. 41-48).

Assim, ainda para o autor, o fenômeno dos lugares de memória funciona dos indícios de recordação oferecendo apoio à memória que falha, uma lua na luta contra o esquecimento, permanecendo os lugares como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos. Acerca de trabalhar com a cidade de São José do Rio Preto como vetor das relações memoráveis fotográficas, encontra coincidência de valores no discurso do autor que argumenta: “tais lugares se constituem na medida que se vaga pela terra e, vagando, os locais tornam-se memoráveis. Associa-se, portanto, as coisas lembradas a lugares. Vincula-se, portanto, lembrança e lugar” (RICOEUR, 2014, p. 58).

Segundo Halbwachs (1950) a memória coletiva consiste em atribuir memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade. Fundamentalmente: para se lembrar, precisa-se dos outros. O testemunho é proferido por alguém enquanto recebido por mim de outro a título de informação sobre o passado (*apud* RICOEUR, 2014). Para Ricoeur (2014), é preciso respeitar a linha que separa a tese do nunca nos lembramos sozinhos da tese do não somos um sujeito autêntico de atribuição de

lembranças. Das condições historiográficas cuja operação, assim como para Certeau, consiste no conhecimento histórico apreendido em ação, o arquivo para ele é o momento do ingresso na escrita da operação historiográfica, sendo o testemunho originalmente oral escutado. Lembramos que o testemunho foi amplamente utilizado na prospecção inicial. Ainda para o autor, ele proporciona uma sequência narrativa à memória declarativa, sendo próprio da narrativa se destacar do seu narrador.

Uma última contribuição de Ricoeur (2014) abrange a noção de esquecimento, que intitula este artigo. Para ele, é o passado, em sua dupla dimensão mnemônica e histórica que se perde (no esquecimento). Literalmente: a destruição de um arquivo, um museu, uma cidade, esses testemunhos da história passada equivalem a esquecimento. Há esquecimento onde houve rastro, sendo o esquecimento inimigo da memória e da história. Há, ainda, a tese do esquecimento de reserva segundo a qual torna-se um recurso para a memória e para a história. O esquecimento, seja como for, é emblemático da vulnerabilidade de toda a condição histórica. A memória é absoluta e a história só conhece o relativo. O autor termina sua obra argumentando que “Na ruptura entre história e memória, da perda da história-memória, emerge a memória apreendida pela história. É o reinado do arquivo, da memória arquivística, memória do papel” (RICOEUR, 2014, p.416).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas preliminares têm norteado os nomes mais relevantes do trabalho em fotografia para a recuperação dessas fotografias e constituição desse acervo de imagens. Têm, ainda, materializado as variáveis existentes neste campo e contribuído para a definição de um corpus razoável e viável para resgate. Um exemplo disso é a identificação de profissionais que não são da cidade e que, por um breve período, aqui se estabeleceram para a produção visual. Destes, alguns permaneceram e outros se foram, deixando em posse de empresas particulares quase que a totalidade de seu trabalho profissional que narra a trajetória da cidade pelo tempo. A partir dos desdobramentos realizados com as entrevistas, foi possível identificar que boa parte do material constituinte das fotografias utilizadas no jornalismo da cidade resiste apenas em papel jornal, no arquivo público municipal, cujas condições de armazenamento ainda se desconhece. Amarelam com o passar do tempo. Suas histórias, narrativas e discursos enunciados por seus respectivos fotojornalistas caem no esquecimento temporário: a presente pesquisa desdobrará e resgatará tais elementos memoráveis. Dito isso, esperamos que tais autores e suas ideias contribuam, ao longo de toda a presente pesquisa,

para a elaboração sistematizada e justificada de um acervo em constituição com o potencial de reverter, por um espaço de tempo, tais efeitos temporais: uma pílula contra a falta de memória.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Lelé. **Imagens que revelam 90 anos de desenvolvimento**. São José do Rio Preto: THS Editora, 2011.

BARROS, Laan Mendes de. **Os meios ou as mediações? Um exercício dialético na delimitação do objeto de estudo da comunicação**. Cásper-Libero, São Paulo, v. 12, n.23, p. 85-94, jun. de 2009.

BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BRAGA, José Luíz. **Comunicação, disciplina indiciária**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38193/40936>>. Acesso em: 09 de jul de 2018.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 3.ed, 2011.

DUBOIS, P. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, ed. Papyrus, 1998

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo, hucitec, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **Le Mémoire collective**. Paris: PUF, 1950.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficção na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 5.ed, 2006.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VALLE, Dinorath. **Jornais de Rio Preto**. São José do Rio Preto: S/E, 1994.